

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPLITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 213 ABRIL A JUNHO 2025

Redação e Correspondência:

A. Carvalheira
UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

José Ferraz
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
uniaes@sapo.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES - NIF 501 794 000

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1565 Exemplares

Assinatura Anual: 5,00 €

Composição e Impressão:

Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

LEÃO XIV, O SUCESSOR DE FRANCISCO

Papa Francisco

Em 21/04/2025, a Igreja chorou a morte do Papa Francisco, que regressou à Casa do Pai, 12 anos após a sua eleição em 13/03/2013. Não foi apenas um novo Papa. Foi um novo modo de ser Papa. A sua simplicidade, desarmante e autêntica, não era mera escolha de estilo: era Evangelho incarnado.

O seu pontificado foi uma lufada de ar fresco. Libertador. Inquietante. Pastoral. Foi um tempo em que a Igreja respirou mais fundo e caminhou com os olhos fixos nos pobres, nos descartados, nos migrantes, nos jovens, na criação ferida, nas periferias tantas vezes esquecidas. Francisco ousou recentrar tudo no essencial: Jesus Cristo e o Seu Evangelho.

A sua voz levantou-se contra a globalização da indiferença, denunciando uma economia que mata e uma política que se esquece do rosto humano. Denunciou abusos com firmeza, colocou os pobres no centro da agenda e não hesitou em enfrentar as zonas de sombra dentro da própria Igreja.

"A Igreja é para todos, todos, todos!". Estas palavras tornaram-se o refrão do seu pontificado. E não era retórica. Era opção evangélica. Francisco viu, em cada ser humano, um rosto digno de amor. Não excluiu ninguém. Sonhou uma Igreja em que todos – sem exceção – tenham lugar à mesa.

Que ele repouse na paz do Ressuscitado, a quem amou, serviu e anunciou a vida inteira.

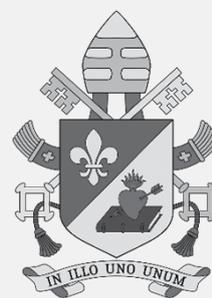
Papa Leão XIV

Em 08/05/2025 foi eleito um novo Papa, de seu nome Robert Francis Prevost, nascido em 14/09/1955 em Chicago, América do Norte, adotando o nome de Leão XIV. Pertence à Ordem de Santo Agostinho e trabalhou vários anos no Peru para onde foi enviado em missão antes de, em 2023, ser chamado a Roma pelo Papa Francisco para exercer o cargo de prefeito do Dicasterio para os Bispos e presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina.

Com a eleição do Papa Leão XIV, o mundo católico entrou numa nova etapa. Mas, mal eleito, já se exige ao novo papa que defina a sua posição, que faça gestos, que continue certas linhas ou que rompa com elas. A impaciência do nosso tempo quer diagnósticos imediatos, rótulos claros e definições que nos tranquilizem ou nos alarmem. Mas a Igreja não se mede pelo relógio das redes sociais.

O Papa Leão XIV mal saiu à varanda e já se multiplicam os julgamentos: será conservador ou progressista? Seguirá a linha de Francisco ou trará uma reforma no sentido contrário? Ele é avaliado antes mesmo de ouvir as suas primeiras palavras. Essa pressa em classificar impede o espanto, apaga a escuta e obstrui o tempo necessário para conhecer o coração do novo pastor.

(Continua na pág. seguinte) >



SEMINÁRIO DE GODIM

SÁBADO - 4 DE OUTUBRO

Bodas de Ouro
1975 - 2025

SEMINÁRIO DE VIANA

SÁBADO - 18 DE OUTUBRO

Bodas de Ouro
1975 - 2025

SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 15 DE NOVEMBRO

Anos de Godim + Viana
1973

Boas Férias!

Com muito sol,
muita convivência
e muitas alegrias!!!



Leão XIV é, antes de tudo, um ser humano com história, espiritualidade e sensibilidade próprias. Ainda não o conhecemos. Nem mesmo ele revelou para onde conduzirá a Igreja. Aqueles que esperam clareza imediata esquecem que os tempos de Deus não são os dos algoritmos. É preciso recuperar a arte da espera, a abertura do coração, a confiança no Espírito. Não se trata de ingenuidade ou de

renunciar ao espírito crítico, mas de reconhecer que a eleição de um papa não é um espetáculo, mas um chamado à comunhão.

Leão XIV começa o seu caminho. Acompanhem-lo com oração, não com ansiedades. Deixemo-lo falar, ouvir, discernir. E, acima de tudo, que seja papa, passo a passo.

José Ferraz, Presidente da Direção

Fontes: Blog Serviens do Ás Rafael Ribeiro Pereira, *Francisco, um Papa com cheiro a Evangelho*, de 25/04/2025; Pepe Castillo, sj, *Leão XIV, um novo começo que exige paciência*, de 22/05/2025.

ASSEMBLEIA MAGNA 2025

José Ferraz - Presidente

Como é usual, teve lugar no dia 15/06/2025 a Assembleia Magna dos Antigos Alunos dos Seminários do Espírito Santo, realizada sempre no domingo da Santíssima Trindade.

O encontro, onde estiveram presentes 55 pessoas entre Ases (34) e familiares (21), teve o seguinte programa: acolhimento às 09h00; assembleia às 10h00; eucaristia às 12h00; fotografia às 13h00; almoço às 13h30.

Na assembleia foram abordados os seguintes pontos: leitura da ata do ano passado; apreciação e votação do relatório de atividades e contas de 2024 e do parecer do Conselho Fiscal; apresentação do plano de atividades para 2025; informações úteis. Todos os pontos foram aprovados por unanimi-

dade. Nas informações úteis, usou da palavra o presidente da direção, José Ferraz, que, além de esclarecimentos para o momento, informou que a Congregação cedeu aos Ases uma salinha junto ao coro da Igreja para reunião dos corpos sociais e arquivos da associação. Neste ponto, interveio também o Pe. José Costa, assistente dos Ases, informando da situação da Congregação e dos antigos seminários.

Às 12h00 teve lugar a Eucaristia, presidida pelo Pe. José Costa e concelebrada pelos Pes. Altino Cepeda Coelho, Bonifácio e João Gomes (Ás). No fim da Missa, tirou-se a foto habitual junto à imagem de Nossa Senhora, nas tílias, a que se seguiu o almoço, primorosamente servido por um res-

taurante da cidade de Braga, e em que esteve presente o Pe. José Castro, superior da Comunidade Espiritana do Fraiã. Quem quis, pôde ainda visitar o Lar Anima Una e dialogar com alguns utentes. Já o sol desaparecia quando se deu o regresso a casa dos participantes no encontro, com a satisfação da presença, da convivência com colegas que já há muito tempo não viam e de matar saudades dos seus tempos de meninos numa casa que os preparou para a vida.

Um agradecimento ao Lar Anima Una pela cedência de sala para a realização da assembleia e ao CVE pela cedência do salão Pe. Afonso Moreira para o almoço.



PLANO DE ATIVIDADES UNIASES 2025/2026

2025		2026	
15 de junho	ASSEMBLEIA MAGNA, no Fraião (Domingo Santíssima Trindade)	02 de fevereiro	Venerável Libermann, 2º fundador da Congregação do Espírito Santo
05/06 de julho	Peregrinação da Família Espiritana a Fátima	14 de fevereiro	Encontro do Minho - Seminário da Silva/ Barcelos (2º sábado fevereiro) Organiza- ção núcleo Barcelos
08 de setembro	Profissões Religiosas, no CESM - SILVA/BRC	28 de fevereiro	Beato Daniel Brottier, Missionário espiritano
09 de setembro	Beato Tiago de Laval, Missionário espiritano	14 ou 21 de março	Encontro da lampreia, em Melres, (3º sábado de Março). Organização do Prof. Santos Lopes, do Núcleo de Gon- domar (se houver lampreia).
02 de outubro	Poullart des Places, 1º fundador da Congre- gação do Espírito Santo	12 de abril	Encontro alargado na Torre d'Aguilha (domingo de Pascoela)
04 de outubro	Encontro em Godim: 50 anos do Curso de 1975/76 (<i>Organização dos ASES desses</i> <i>Cursos iniciados em Godim</i>)	24 de maio	Pentecostes
18 de outubro	Encontro em Viana do Castelo: 50 anos do Curso de 1975/76 (<i>Organização dos ASES</i> <i>desses Cursos iniciados em Viana</i>)	31 de maio	ASSEMBLEIA MAGNA, no Fraião (domingo Santíssima Trindade)
09 de novembro	Magusto no CESM – Torre d'Aguilha+SILVA	Continuação dos ALMOÇOS mensais no PORTO numa inicia- tiva de ASES locais, a quem felicitamos pela sua organização e participação.	
15 de novembro	Encontro no Fraião: 50 anos, entrados no ano de 1975 (provenientes de Viana/Godim em 1973)		
26/27 de dezembro	Reciclagem de Natal, no CESM, Silva/Bar- celos (<i>algumas datas a confirmar</i>)		

Publicação do Boletim "UNIASES" – com a máxima colaboração dos ASES

RELATÓRIO CONTAS ASES 2024

RECEITAS	10.239,00 €	SALDO DO ANO 2024	12.747,87 €
QUOTAS-BOLETIM-LIVROS	8.339,00 €	Quotas	11.727,87 €
BOLSAS	500,00 €	Fundo Solidarietà	1.020,00 €
S. TOMÉ	300,00 €	NOVO SALDO PARA 2025	13.011,18 €
CEPAC	975,00 €	Quotas	11.596,18 €
CEPAC (Distribuição de livros)	125,00 €	Fundo Solidarietà	1.020,00 €
DESPESAS	-9.975,69 €	Imagem - Fraião	395,00 €
BOLETINS		EDITORA MAAES CROWDFUNDING	
Impressão 209-210-211	-3.613,54 €	SALDO de 2023	4.530,87 €
Expedição 209-210-211	-2.006,26 €	Créditos Armando F. Silva	1.030,00 €
BOLSAS Entregues em 2024	-500,00 €	Distribuição de LIVROS em 2024	700,00 €
MAAES Entregues em 2024	-700,00 €	Pag. Livro Pe. Arlindo Areia	-2.124,24 €
DONATIVOS - CEPAC entregues em 2024	-1.100,00 €	SALDO MAAES em 31-12-2024	4.136,63 €
MISSÕES	-1.100,00 €	Saldo nos CTT	-56,01 €
ABRAÇAR S. TOMÉ	-300,00 €	SALDO CGD-BARCELINHOS EM 31-12-2024	17.091,80 €
SOLSEF	-200,00 €		
DIVERSOS	-455,89 €		
RESULTADO DO EXERCÍCIO	263,31 €		

Braga, 31 de Dezembro de 2024

A Direcção

O HINO DO FRAIÃO E A SUA ANÁLISE CRÍTICA

António Luís Pinto da Costa – Godim 1956

Coro:

Mocidade, o Fraião nos ensina
Ao clarão do mais santo ideal
A morrer pela causa divina
De amar Deus e servir Portugal!



Solos

1. Mocidade fervente de vida,
Nós a qu'remos inteira imolar
Pela causa mais nobre e querida,
De Jesus e da Pátria no altar!
2. Nós queremos – qual novo Oriente
Refulgindo os mistérios da Cruz –
Novas terras guiar, nova gente
Junto à Fonte divina da Luz.
3. Nossas armas – a Cruz, o Evangelho,
Nossa astúcia a paciência na dor –
Nós seremos de Cristo um espelho
Que reflita os preceitos do Amor.
4. Nós queremos a vida ridente,
Que a alegria é uma força também!
Nós queremos amar toda a gente
Que o amor é a força do Bem.
5. Braga santa e augusta nos fala
De uma Pátria e de tradições...
Nosso olhar não se cansa a fitá-la
A aprender com amor tais lições.
6. O ideal que a nossa alma ilumina
– Sol risonho de cor e de luz –
É espelharmos a vida divina
Que dimana dos braços da Cruz.

Fraião, 1935 Autor: Pe. Manuel António Meira

O hino abre com um apelo feito à mocidade (não especificada), para que repare no exemplo do Fraião (isto é, do Seminário das Missões do Fraião – uma bela sinédoque), que se apresenta como uma lição de vida. Qual é ela? Mesmo sem palavras, o Fraião ensina “A morrer pela causa divina/ De amar Deus e servir Portugal”. Este ensinamento tem lugar à luz do “clarão do mais santo ideal”. Note-se que essa causa, dita “divina”, tem uma dupla dimensão: uma religiosa e outra político-patriótica, de modo que uma e outra comungam dessa mesma divindade.

A palavra “ideal”, qualificada com o adjetivo “santo”, tem no poema o mesmo significado que a expressão “causa divina”, que aproxima, trazendo-a para mais perto, ou seja, traduzindo-a em termos psicológicos, a saber: a contínua e permanente motivação dos seminaristas, à uma, e a ideia-chave do poema, à outra. É interessante verificar que “Portugal” rima com “ideal”, o que traz a aproximação psicológica de ambos os conceitos.

A mensagem de que se fala dirige-se a toda a gente: “nos ensina” (tanto ao sujeito poético que fala, como às pessoas que eventualmente vejam e aprendam tal lição).

Como o refrão é cantado no início e, de seguida, repetido ao fim de cada solo, a sua mensagem torna-se mais acutilante. Daí a sua importância na economia do texto.

Quem é a “mocidade fervente de vida” de que se fala no primeiro solo? Creio que não poderá ser a mocidade inicialmente invocada, a mocidade em geral, que vive fora do Fraião e cuja atenção se demanda. Assim sendo, a palavra “mocidade” passa a ter dois conteúdos diferentes em estrofes sucessivas – o que gera a sua ambiguidade, bem como a confusão de quem ouve ou lê o poema. Belo o adjetivo “fervente”, atribuído a vida.

O “nós” (na função de sujeito, equivalente a “nos”, na função de complemento), que acima estava disposto a aprender a lição do Fraião, assume aqui uma atitude mais proativa, passando à ação – dispondo-se, concretamente, a imolar a “mocidade fervente de vida” no altar, por amor da causa “mais nobre e querida”, a que é atribuída novamente a dupla faceta religiosa e patriótica. Tempos de Estado Novo (atente-se a que o hino é de 1935, dois anos após a aprovação da Constituição do Estado Corporativo). É curioso verificar que o sujeito poético se assume, a partir do segundo solo, como uma pessoa coletiva, dizendo-se “nós”. Tal como o Sol Nascente (por detrás esconde-se a imagem de Cristo como o “Sol Nascente”), o eu poético pretende refulgir não os raios da estrela Sol (sentido real), mas, sim, “os mistérios da Cruz” (sentido figurado), que sabemos ser “a fonte divina da Luz”, e, desse jeito, guiar “novas terras,

novas gentes”, numa atitude abertamente missionária. Repare-se que, a partir da terceira estrofe, o hino ganha uma cor mais declaradamente evangelizadora.

As armas do missionário são, por um lado, a Cruz e o Evangelho e, por outro, “a paciência na dor” – no que se assemelha, espelhando-o, ao pacifismo de Cristo, que aos seus batalhadores aconselha os preceitos divinos do Amor.

Se, por um lado, o missionário quer ser feliz, ter uma vida ridente, pois a alegria “é uma força também”, por outro, para não cair na tentação do individualismo e, desse modo, negar a dimensão caritativa, ele quer outrossim “amar toda a gente/ Que o Amor é a força do Bem.”

Uma vez que o Fraião está localizado nos arrabaldes de Braga (donde o autor também é natural), o sujeito poético recorda que “Braga santa e augusta” nos fala de uma Pátria e das tradições (cristãs nacionais, adivinha-se), o que faz com que, ao fitar a cidade, não nos cansemos de “aprender com amor tais lições” (de novo a dimensão patriótica).

A noção de ideal, que acima destacámos, surge agora, de

novo, no último solo. Sobre ela é afirmado que “a nossa alma ilumina”, tornando-se o “sol risonho de cor e de luz”. De um modo explícito, esse ideal consiste, mais uma vez, em espalhar “a vida divina/ Que dimana dos braços da Cruz”. Neste ponto, ele afirma-se como puramente religioso, deixando cair então, como secundária, a faceta patriótica.

Como observações finais, registo: o conteúdo tem um carácter radical: “morrer”, “inteira imolar”, “causa mais nobre e querida”; “nós queremos”; alternada, a rima é perfeita e até, por vezes, rica; o poema faz uso de bastantes recursos de estilo, nomeadamente adjetivos, metáforas, metonímias, personificações e símbolos – o que lhe empresta algum nível poético; à maneira dos clérigos, as palavras mais diretamente religiosas são escritas com maiúsculas, para relevar a sua importância; enfim, a métrica adotada, que é de nove sílabas poéticas, esquece o acento intermédio na quarta.

MEMÓRIAS E ESTÓRIAS

8. ENCONTROS E DESENCONTROS

Carlos L. Almeida - Godim 1961

Dos vários reencontros que tive ao longo da vida com os meus ex-companheiros, recordo particularmente dois, um ocorrido em Sintra e o outro em Monção, ambos relacionados com antigos colegas de ano que nunca mais vira, passados mais de 30/40 anos ...

Numa das poucas deambulações aos arredores de Lisboa, tomei a decisão de ir até Sintra tentar contactar com um desses colegas que, por mero acaso, soube ter escritório de Advocacia exatamente aí. Como não havia ainda telemóveis, a combinação com quem me acompanhava foi no sentido de nos reencontrarmos no carro dali a uma hora, uma hora e pico, que era o tempo que, pensava, iria demorar ...

Mas não foi preciso aquele tempo todo ... “o raio do rapaz” continuava distante, (como distante era a terra onde nascera - lá para os lados do Alto Minho!), apático, distante, “anjinho”, “anjinho” ...

Assim, não deu para demorar mais do que uns poucos, sofridos e dececionantes minutos ...

Bem diferente foi aquele reencontro com o outro ex-Colega, em Monção!

Deixei os meus companheiros de viagem num café próximo da Câmara e desloquei-me a esta.

- Gostaria que informasse o Sr. Presidente que está aqui o Lourenço do Sabugal, que andou com ele no Seminário, em Braga e na Silva, há mais de 30 anos, que deseja falar com ele!

Perante a reação algo enfadada da senhora funcionária, atalei logo:

- Claro que me vai dizer que ele está em reunião ... enfim, é o costume!

- Mas olhe que é mesmo verdade! Está mesmo em reunião!

Mas vou ver se ele o pode receber ...

- Vou então esperar um pouco!

E esperei mesmo muito pouco, porque passados minutos (curtos, curtos ...) lá aparece ele no cimo da escadaria da Câmara ...

Estava sensivelmente igual fisicamente, conservava o mesmo visual, os mesmos tiques, as mesmas gargalhadas, o mesmo à vontade, a mesma atitude de estar bem consigo e com os outros ...

Combinamos ir tomar um café ao Largo próximo da Câmara, onde eu deixara os meus companheiros. A distância era muito pequena, mas, e sem exagero, demorámos mais de 1 hora a percorrê-la! Era esta pessoa que pretendia saber isto, era aquela que pretendia saber aquilo, eram pessoas aparentemente de Monção, mas eram sobretudo pessoas aparentemente das várias aldeias ...E a conversa era tu cá, tu lá, natural, sem vénias, rodriguinhos ou palavras bonitas ...

Claro que, passado aquele tempo todo, lá conseguimos chegar ao café. Não pudemos ir almoçar, pois tinha um compromisso numa aldeia (“e estes compromissos, meus amigos, são sagrados! ... Vocês desculpem, mas isto é mesmo assim: sagrados!”), indicou-nos o restaurante onde deveríamos ir almoçar (tendo telefonado para lá a “recomendar-nos!”) e ficou apazada logo ali a hora e o local onde iríamos todos jantar ... como fomos, claro!

Moral da história, neste caso das histórias:

- por mais tempo que passe, há pessoas que não mudam (para o mal e para o bem!).



CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

RESPOSTAS muito BREVES

F. Cunha Pinto - V1956

Os “ares de férias” dificultaram-nos a preparação deste UNIASSES: andámos passeando e, mesmo a custo, cá estamos retomando o nosso ritmo... Neste trimestre fomos recebendo mensagens que, desde já, agradecemos e incentivamos a todos a fazê-lo.

José Joaquim Azevedo Moreira

S55

Li o 212 quase que de uma assentada e prendeu-me mais do que sempre, as altas brincadeiras do Cita, a pena segura do Zé Mário, as memórias do Almeida e do Zé Machado, o alto teor das considerações do Carlos Maia, embora não saiba qual a tragédia que o atingiu recentemente, até as notícias tristes, a morte de três figuras que muito me (nos) diziam, D. Abílio Ribas, que foi meu simpático e tolerante superior em Angola, o padre Serra que sempre nos foi apresentado como modelo de inteligência e de dedicação, e o padre Norberto, sempre comunicativo, mesmo ou sobretudo com os mais novos. Terás reparado que cortaram o Machado ao José Pinto SILVEIRA, no título da minha crónica. Cuidado, não vá agora, deixar de ser verdade que não há machado que corte a raiz ao pensamento... Saúde. E sempre os parabéns pelo teu incontornável trabalho no Uniases e anexos vários.

Vamos fazendo o que podemos... Perdoem-me a omissão do “machado” ao Silveira: Fica aqui registado o nome completo do nosso lembrado JOSÉ PINTO SILVEIRA MACHADO entrado no noviciado da Silva em 1962.

Carlos Alb. Freitas Oliveira

G73

Caro Francisco, obrigado pelo envio do Boletim 212. Para mim envia-me sempre apenas por email, sempre se poupa alguma coisinha! Fizeste-me uma bela partida; então, um email totalmente informal vais divulgá-lo aos nossos amigos ASES? Sem problema!

Grato por toda a tua gentileza. Forte Abraço.

Foi mesmo a propósito: tapou um buraquinho que veio na 1ª prova da Tipografia: - até ficaste muito bonito e os colegas também.... Apreciamos imenso que se tenha mantido essa chama que se distribuiu em Godim... Grande abraço.

Tiago Barbosa Pe.

G88

Boa tarde, estimado grande amigo Francisco. Votos dum Santo e Feliz Tempo de Páscoa!

Obrigado pelo envio do jornal UNIASSES. Saudações à família. Grato, com os meus melhores cumprimentos.

Muito obrigado pelos votos e até um dia destes.

Horácio M. M. Brito

G66

Ao Grupo Uniases na pessoa de Cunha Pinto - Braga. Os meus cumprimentos. Acuso receção do Jornal Uniases sob a sua distinta direção. Confirmo a opção POR MAIL. Saudações cordiais!

Muito obrigado. E já agora: quando envias um artigo para o nosso jornal? Na Academia Portuguesa de História não devem faltar assuntos, temas e ... histórias!...

Carlos Fernandes Maia

V62

Bom dia. Agradeço o espaço reservado às minhas considerações. Se tiverem eco, poderei fazer mais algumas do género, ou seja, reflexões de algum modo existenciais que nos possam levar a ‘rever’ ditos politicamente corretos, mas falhos de sustentabilidade na condução e perspetivação das relações sociais, emocionais e ideais.

Não tenho por hábito fazer muitas releituras do que escrevo sem antes ter passado algum tempo. Também desta vez assim aconteceu. E na revisão que me pediste corrigi a diferença entre hífen e travessões; mas não esperava que a passagem do meu word para o teu programa de texto - suponho que seja o office - tomasse os hífen da minha hifenização automática como hífen de pontuação e que o texto aparecesse tão ‘gatado’. Suponho, no entanto, que quem conseguiu ler o texto todo tenha entendido a falha. O que não deve ter entendido foi a frase «É logicamente evidente que a avaliação dos outros se torna nuclearmente para o próprio avaliador». Nela aparece «nuclearmente» em vez de só «nuclear». Não sei donde veio a ‘mente’. Para os mais fervorosos da arquivagem, talvez interesse mencionar este reparo no próximo número. Se te faltar material para um número seguinte, podes usar estes ‘versitos’ que farão parte do 7º volume deles...

O “office” da tipografia tem dessas surpresas: são defeitos do ofício... verdadeiramente o “nuclear” está a ser atingido na sua declinação... Vamos ter mais atenção para estes pormenores...

A tua PARTILHA vai publicada no Cantinho da Poesia.

José Cândido Gomes Ferraz

G54

Bom dia. O nosso Uniases 212 está muito bem conseguido. Abarca diversos temas, lê-se com facilidade e estão de parabéns, com um agradecimento muito especial, todos os que nele colaboraram, a começar por ti, pelo grande trabalho e competência que colocaste na sua concretização. Obrigado a todos.

Fica aqui registado o “obrigado” a todos os articulistas.

Pedro Fernandes Pe.

Caríssimo amigo Cunha Pinto! Recebi o Uniases, que agradeço muito. É sempre um privilégio poder contactar de perto com esta larga comunidade de amigos e irmãos! Abraço grande, especialmente para si e para aqueles que tanto se esforçam por esta publicação.

Muito obrigado: fica aqui registado o abraço para todos os nossos “colaboradores”.

Fernando Alb. Barros Lomba

V57

Gostei dessa memória. Foi um tempo lindo. Agora sou voluntário de pessoas idosas na Santa Casa, depois de recentemente dar por terminada a minha vida profissional como consultor em vários países. O que faço? Toco músicas antigas no piano (com ritmos modernos) para elas cantarem,

dançarem e recordarem o passado. Já não tenho tempo para todos os convites. É desta forma que envelheço mais devagar e retribuo alguma coisa do que recebi. Era giro fazer um pequeno grupo de "cantoria" para alegrar muita gente que está nos lares à nossa espera. É muito gratificante. Abraço para todos.

[Mas quem pensava que o Fernando Lomba ia abraçar a animação de "gerontólogo"? Será mesmo "giro" que os ASES de Lisboa abraçassem esta ideia: fica aqui o apelo ao Rogério, ao Armando, ao Álvaro e tantos outros... Toca a reunir e avançar...](#)

Armando Ferreira Silva

V56

Tal como o vinho fino, quanto mais passa o tempo, melhor se torna. Sem desprimor pelas belas crónicas dos diversos encontros, confesso que as prosas do Azevedo Moreira me tocam melodias canoras ao ouvido, como cordas de violoncelo bem tangido (evoca-me um outro Joaquim, o Leal Pereira). Tenho ainda alguma esperança, nesta condição tardia de octogenário, de reunirmos aquele naipe de cordas do Fraião, com o Cardoso Soares ao comando no violino, o Falcão (outro Joaquim), o Lomba (Fernando) e eu também nos violinos, e o Leal Pereira no violoncelo - que o Maciel (violino) e o Cardoso (contrabaixo) já nos deixaram -, e voltarmos a tocar os minuetos (Bocherini, Bach, Beethoven), a Dança Húngara nº 5, a Sinfonia nº 40 de Mozart, e assim por diante... Assim também, a propósito desta crónica nostálgica sobre o Silveira na Silva, não desisto de insistir, 'até que a voz me doa', com o Azevedo Moreira, para que nos deixe publicar em livro estas deliciosas crónicas com que há anos nos deleita no UNIASES, facultando a vindouros o usufruto compacto de memórias que contam... Abraços.

[Já atrás vai o apelo para a sugestão do Lomba... para a orquestra, podes avançar com os mencionados.](#)

[Estou convencido que terás as partituras preparadas...](#)

José Rodrigues Rego

V59

Boa tarde, Jovem Francisco. Tudo bem contigo? Se tudo correr, estarei no meu torrão a partir da próxima semana. Se bem estás disponível, te convidaria a ir até minha casa ao sul de Viana. Pertinho da Amorosa. Estarás disponível? Com o meu abraço. Felizes Páscoas.

[Este ano não deu mesmo para nos encontrar: a próxima não se perderá.](#)

Arnaldo Afonso da Fonte

G61

Caro Francisco, acabei de ler o Uniases, que muito te agradeço - e a todos os que tanto contribuíram para que eu pudesse ter uns momentos de íntima satisfação. Chegava-me "isto". Acrescento ainda que o Uniases oferece uma oportunidade bonita para saborear a tolerância, o respeito, a saudade, a arte de bem dizer. Há outros sentimentos que reservo no silêncio que me concedo - são intensos e agregadores e têm nome. Em ti, cumprimento toda a nossa gente. Há-de haver qualquer "coisa" com nome, que nos une a todos! Somos diferentes? Somos. Somos humanos? Somos. O que há a mais vai no sorriso com que envio estas breves linhas, e um fraterno e solidário abraço.

[Há sentimentos que não são descritíveis com palavras: fi-](#)

[camos alegres por saber que o nosso pequenino Uniases te despertam a tolerância, o respeito, a saudade, a arte de bem dizer, com que todos nós fomos formados...](#)

Manuel Abreu Lima (ex-Irmão)

Amigo F. Pinto, o saúdo com amizade. Ontem (dia 11 de julho), fui eu, minha esposa, meu filho, e netos, ao Arraial da Anima Una. Gostei, gostamos do ambiente, muita música popular. Participou o Rancho Folclórico de Joane. Foi bom, pois, tive a felicidade de cumprimentar vários sacerdotes, que vieram da Torre d'Aguilha, sendo os Rev. Pe. J. Costa, Pe. Brígido, e outros que não me lembra, além do Provincial e ex-Provincial e um sacerdote que foi meu aluno no Seminário de Fraião, onde lecionei a disciplina de TO/ET, além de ter dado aulas de Ed. Musical, canto coral e preparação para as Eucaristias, onde fui organista na Capela. Com os meus cumprimentos.

[Ficamos contentes com essa participação no ARRAIAL... Bem avisámos os ASES de Braga e, pelos vistos, foste o único a corresponder: parabéns. Há que se preparar para aparecer nas MAGNAS: o órgão está lá à tua espera...](#)

GODIM - VIANA 1975

[A Direção não teve qualquer eco desta publicação no UNIASES 212. Que se passa?](#)

[Fica aqui o apelo a todos os entrados em 1975 para se manifestarem...](#)

Os sábados 4 (GODIM) e 18 de outubro (VIANA) já estão reservados para a grande festa das BODAS DE OURO:

QUEM SE OFERECE PARA ORGANIZAR?

GODIM

Alfredo Teixeira | ateixeira@netcabo.pt

Salomão Rocha | T. 962 358 098 | salomaorocha2@gmail.com

VIANA

Joaquim Gonçalves | Tel. 913 173 407 | joagonkim@gmail.com

Rui Cavalheiro Cunha | Tel. 960 290 835 |

rui_cavalheiro04@hotmail.com

VÃO SER PRECISOS OS CONTACTOS TELEFONE + EMAILS

INFORMAR OS ANIMADORES OU UNIASES@SAPO.PT OU TEL.919 441 970

FRAIÃO 1975-2025

Em 1975 entraram no FRAIÃO os de Godim e Viana 1973:

A FESTA DOS 50 ANOS SERÁ NO SÁBADO, DIA 15 DE NOVEMBRO.

Esperamos a inscrição de boa equipa para a organização deste evento

9. HERMENÊUTICA BÍBLICA E SUA HISTÓRIA

Henrique Martins - Godim 1958

(Continuação do nº 212)

Nos últimos números sobre o Tema supra, tentámos chamar à colação as mais recentes e disputadas correntes interpretativas, daquela primeira e fundamental afirmação, com que abre o Génesis (a Bíblia) e que serve de título a uma das Obras de **J. Ratzinger**: “*No princípio Deus criou o Céu e a Terra*” (Edit. Lucerna, 3ª ed. 2019). Ao fazê-lo, tínhamos consciência que, lembrando tais divergências, podíamos trazer “perplexidades”, sobretudo aos leitores mais instalados nas certezas da tradicional Catequese de antanho!... Só que, desde logo, - não se é, intelectualmente, honesto, ao abordar, mais academicamente, uma Temática, silenciando alguns dos seus enfoques, ainda que estes possam ser algo (ou ainda) controversos... E, por outro lado, adentro do **Campo Hermenêutico** - que é o nosso prisma da abordagem Bíblica, **é possível harmonizar o essencial** de tais “aproximes” dissonantes. Foi o que, em parte (sem o ter por escopo na sobredita obra), - fez o saudoso e Emérito Bispo de Roma, académico de reconhecidos méritos (não obstante a timidez conservadora) de que, como Bento XVI, deixou fama, nos corredores da Cúria Romana... De acordo com o referido Autor, no fundo, aquelas elencadas divergências andam, essencialmente, à volta da temática “**Criação**” versus “**Evolução**”! Mas o insigne Mestre ultrapassa, sabiamente, esta dicotomia, conciliando “**Criação e Evolução**”, insistindo em que esta é a fórmula correta de responder às diferentes questões que, sobre um e outro daqueles temas, são colocadas, em âmbitos muito diversos e com divergentes metodologias: a **Astrofísica** explica-nos a Origem do Universo e seu Devir, servindo-se da Teoria da Relatividade, da do **BIG BANG**, das leis da Atração/Gravitação, Gravidade, Eletromagnetismo, etc.- tal como a (moderna) **Biologia**, por seu turno, **veio** estudar os processos do Aparecimento da vida, seu Aperfeiçoamento Evolutivo e sua Transmissão. **Mas... a Ciência fica-se por aí: não questiona Quem criou e para quê, essa Primordial Centelha, ou “Ovo Cósmico”, donde tudo emergiu, há 13,7 Bilhões de anos, mercê dessa grande explosão (BIG BANG)!?!... Com Leibniz, diríamos que não podia ser o “NADA” ... nem o Acaso (que nada podem criar e muito menos com leis imanentes)!... Só ALGUÉM Pré-existente, (INCRIADO/ ETERNO), Omnisciente e Onnipotente, poderia criar e fazer “explodir” a inicial centelha, - que originou toda a Criação! Foi a conclusão a que inspiradamente chegou, há 2500 anos, o Autor do (biforme) Relato da Criação, - em revisão de Vida, ou reflexão, no pós-Exílio da Babilónia, afirmando (sem pretender fazer ciência) que **no princípio - (sem dizer quando, porque naquele tempo se ignorava), Deus criou o Céu e a Terra. E não erra** - (be-reshit barah Elohim: no princípio criou Elohim, - diz-se em Hebraico) ... Como “reshit”, no antigo hebraico, de parcas palavras, com muitas significações, também se pode traduzir por Primeiro, Principal e como Elohim é plural e ainda como no Credo afirmamos Crer em Deus Pai, Criador do Céu e da Terra... e em **Jesus Cristo, por Quem tudo foi feito... sabendo que Deus é Trino** e que a Trindade esteve (e está) presente em toda a História da Salvação e, por outro lado, como aquela preposição-prefixo hebraico (Be) tem mais o sentido de “por meio de”, do que em/no... por tudo isto parece-nos que a melhor tradução daquele “Be-reshit” seria: Em (ou por meio de) Cristo, criou Deus... e tudo ficaria mais harmonizado. De toda a maneira, naquele longínquo princípio, - só Deus poderia dar Origem ao **Processo Criador**, subme-**

tendo-o a um **complexo código evolutivo**, com suas Leis e Fases (T. Chardin) - estas, sim, objeto da Ciência... até chegar, de acordo com o designado princípio antropológico, ao “**Homo Sapiens**”, com o qual nos identificamos, - sendo, efetivamente, o Homem o único animal que **nasce imaturo** (imperfeito e em formação - Cf. Armindo Vaz), que presta culto e tem consciência de suas capacidades, mas também de seus limites e finitudes (doenças, tribulações - entre as quais avulta a morte)! Ora, salienta Ratzinger - a **Teoria da Entropia** postula um **Universo** sujeito tanto à **mudança, como à destruição**: “o **caráter temporal está inscrito nele**”. Mas, então **A EVOLUÇÃO TEM UM SENTIDO**, - como cientificamente constatou T. Chardin. Ora só um SER omnisciente e onnipotente podia conferir esse Destino. Mas como compreender, **à luz da Entropia**, que o Universo seja uma Criatura a prazo, “data-da”?! É que tudo o que nasce: morre! **Só a Vida Humana, na Morte muda mas não acaba**: continua na Eternidade, que para cada um começa no momento de tal “Mudança”: enquanto o respetivo **corpo** volta à Terra (ou crematório) e já nada mais dele resta, que possa “**arder**”, temporária ou eternamente; o “**espírito**” também se não pode “**queimar**” (embora possa ter o **eterno gozo** ou **desgosto** de se ter, ou não, “**realizado**”, - cumprindo, ou não, o **Mandamento do Amor** (Mt 24). **Tal destino** só a Bíblia no-lo revela (não a Ciência). **Donde a complementaridade de ambas, Ciência e Fé (e não Fé versus Ciência)**.

tendo-o a um **complexo código evolutivo**, com suas Leis e Fases (T. Chardin) - estas, sim, objeto da Ciência... até chegar, de acordo com



o designado princípio antropológico, ao “**Homo Sapiens**”, com o qual nos identificamos, - sendo, efetivamente, o Homem o único animal que **nasce imaturo** (imperfeito e em formação - Cf. Armindo Vaz), que presta culto e tem consciência de suas capacidades, mas também de seus limites e finitudes (doenças, tribulações - entre as quais avulta a morte)! Ora, salienta Ratzinger - a **Teoria da Entropia** postula um **Universo** sujeito tanto à **mudança, como à destruição**: “o **caráter temporal está inscrito nele**”. Mas, então **A EVOLUÇÃO TEM UM SENTIDO**, - como cientificamente constatou T. Chardin. Ora só um SER omnisciente e onnipotente podia conferir esse Destino. Mas como compreender, **à luz da Entropia**, que o Universo seja uma Criatura a prazo, “data-da”?! É que tudo o que nasce: morre! **Só a Vida Humana, na Morte muda mas não acaba**: continua na Eternidade, que para cada um começa no momento de tal “Mudança”: enquanto o respetivo **corpo** volta à Terra (ou crematório) e já nada mais dele resta, que possa “**arder**”, temporária ou eternamente; o “**espírito**” também se não pode “**queimar**” (embora possa ter o **eterno gozo** ou **desgosto** de se ter, ou não, “**realizado**”, - cumprindo, ou não, o **Mandamento do Amor** (Mt 24). **Tal destino** só a Bíblia no-lo revela (não a Ciência). **Donde a complementaridade de ambas, Ciência e Fé (e não Fé versus Ciência)**.

(Continua no próximo UNIASES)

PAGAMENTO DE QUOTAS E OUTROS ATOS DE TESOURARIA

Efectuar Transferência para :

PT50 0035 2008 0003 8874 9303 5**Não esquecer. Indicar no Descritivo: Nome completo ou nº de Ás**

Ou Depósito na conta (numa Agência da CGD):

Nº 2008 038874 930

CRÓNICAS – LEMBRANÇAS

Zé Machado – Godim 1964

4. AS PALAVRAS TÊM ASAS

Na minha primeira crónica afirmei que vos diria como é que as palavras ganham asas, e direi, mas primeiro terei de vos falar do chão de onde elas hão-de voar, sim, de que sítio fixo ou estável hão-de elas partir para a sua missão ou função de voar. Um dia, no ano lectivo de 1989-90, escrevi uma canção para os meus alunos que tinha esta razão de ser no voo das palavras:

Vamos para a escola, companheiros,
Unidos na alegria de estudar
A língua de um país de marinheiros,
Falada numa terra junto ao mar!

É tempo de aventura!
Dá gozo descobrir
Que as palavras têm asas p'ra voar.
E na melhor altura,
Dos ninhos nascem sonhos de encantar.
É tudo uma questão de confiar!

A coisa tem piada!
Falar e escrever
São tarefas que se fazem com prazer;
Às vezes dão maçada,
Mas ninguém entra no jogo p'ra perder.
É tudo uma questão de ver e querer!

Ora, então, vamos responder à pergunta donde partem as palavras para seus voos? Do sítio onde as aprendemos e nós começamos por aprender as palavras que nos ligam a um território, a um chão, a um lugar especial, o da família, o da casa, o dos pais, o dos irmãos, o das educadoras, que é preciso dizer que agora muitas crianças já aprendem as palavras no chão dos infantários, no chão das amas. Aprendemos a falar para nos fixarmos a um território, e nesse ter-

ritório estão em primeiro lugar as pessoas, os pais. Todas as palavras nos prendem à terra e progressivamente as vamos treinando para voar e voar quer dizer andarem por outros espaços e por outras pessoas, servirem para outros sentidos. Lembremos as palavras que antecedem as palavras, aquele tagarelar, aquelas sequências

de sons que os bebés enunciam e que nos servem de jogo encantatório para descobrirmos o que querem dizer. Toda a nossa descoberta da linguagem é para nos apetrecharmos com um instrumento que depois dará para tudo o que precisarmos de dizer ou de enunciar. Nós vamos crescendo e vamos aprendendo cada vez mais palavras. Entrando nas escolas, essa nossa capacidade de linguagem está sempre a aumentar e é então que nos damos conta de que elas têm asas: a maior parte das nossas palavras são para nos fixarmos à vida, à realidade, às vivências da casa, dos caminhos para a escola, dos lugares onde comemos e bebemos, onde brincamos, dos nomes das pessoas, dos amigos, dos vizinhos, das roupas e dos calçados, do que é nosso e do que não é. Mas a cada passo damos conta de que usamos as palavras para estar noutras dimensões desse real, para exprimir sentimentos, para recordar, para sonhar, para rezar, para fantasiar a realidade. As palavras são o nosso corpo, mas saem-nos dele para descobrir outros corpos, outros seres, outras realidades. Vede, por exemplo, a palavra pão e começai a fixá-la no chão a que pertence, na mesa, no forno, na cozinha, depois usai as paredes para a erguer e começai a deixá-la voar, pelos campos, pelos barcos de transporte de cereais, pelos tratores, pelos supermercados ... Vou atrás dela, esperai lá, até à próxima.



NOTÍCIAS TRISTES ...

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

Ás 816 Francisco Santos Bártolo – curso de Godim 1952 – vindo de Rebordosa-Paredes. Nasceu em 28-05-1940 e faleceu em 12-08-2024.

Ás 2724 António Alberto Vieira Monteiro – curso de Viana 1968 – vindo de Arcozelo-Barcelos. Nasceu em 20-09-1956 e faleceu em 16-01-2025.

Ás 360 António Marques – curso de Godim 1947- vindo de Freixianda-Ourém. Nasceu em 09-01-1931 e faleceu em 20-12-2024.

Ás 450 Armando Dias Sarmiento – Curso de Godim 1959 – vindo de Vila Pouca de Aguiar. Nasceu em 22-04-1948 e faleceu

em 15-06-2025 no Porto. Era assíduo participante nos almoços do Porto.

Ás 189 – Anésio Oliveira Reis Macedo – curso de Godim 1948 – vindo de S. Paio de Oleiros: Uniases devolvido com indicação FALECIDO.

D. Maria Fernanda Lopes, esposa do Ás Manuel Santos Lopes que pertenceu aos órgãos sociais desde 1996. Nasceu a 02-05-1941 e faleceu, em Melres, a 24-04-2025. A D. Fernanda era assídua presença em todos os nossos encontros e dela guardamos as melhores recordações pelo seu sorriso e pela sua simplicidade.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

TESOURARIA

ABRIL A JUNHO 2025

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
18	Abílio Sá Costa	Quotas	20,00 €
41	Adriano Pereira Carreira	Quotas	50,00 €
2152	Agostinho Artur Ricardo	Quotas	30,00 €
53	Agostinho Aug. Codeço Pereira	Quotas	150,00 €
73	Albano Martins Sousa	Quotas	30,00 €
98	Alberto Paiva Castro	Quotas	100,00 €
152	Álvaro Marcolino Ferreira Silva	Quotas	50,00 €
2748	Américo Espírito Santo Cita	Quotas	100,00 €
279	António Francisco L. Monteiro	Quotas	20,00 €
303	António Joaquim Martins Paiva	CEPAC	100,00 €
303	António Joaquim Martins Paiva	Imagem	50,00 €
303	António Joaquim Martins Paiva	Quotas	50,00 €
340	António Luis Pinto Costa	Quotas	5,00 €
422	António Silva Pereira	Quotas	50,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	Quotas	20,00 €
474	Armindo Martins Vilaça	Quotas	20,00 €
2613	Arnaldo Afonso Fonte+neta	Quotas	50,00 €
523	Benjamim Silva Andrade	Quotas	20,00 €
534	Boanerges Fonseca Borges	Quotas	40,00 €
563	Carlos Fernandes Maia	Quotas	30,00 €
199	D. Gracinda Vv Antero M. Silva	Quotas	50,00 €
621	Daniel Martins Brito	Quotas	20,00 €
2126	Diamantino Dias Rodrigues	Quotas	30,00 €
687	Eliseo Ribeiro Canedo	Quotas	100,00 €
3390	Elisio Antonio Rocha Silva	Quotas	20,00 €
688	Elisio Sousa Silva	Quotas	40,00 €
698	Ernesto Henriques Pereira Silva	Quotas	50,00 €
3024	João Batista Santos Abreu	Quotas	20,00 €
927	Joao Dias Alves Silva	Quotas	20,00 €
932	João Fernando Mag. Barros	Quotas	20,00 €
1021	Joaquim José Azevedo Moreira	Quotas	30,00 €
1050	Joaquim Oliveira Silva	Quotas	50,00 €
1050	Joaquim Oliveira Silva	Bolsa	250,00 €
1050	Joaquim Oliveira Silva	Missões	100,00 €
2942	Jorge Alberto Viegas Bárbara	Quotas	20,00 €
3163	José Franc. Gomes Sousa	Quotas	20,00 €

N.º	NOME	CONTA	MONTANTE
1211	José Herminio Costa Machado	Quotas	20,00 €
3310	José Júlio Sousa Lourenço	Quotas	50,00 €
3454	José Manuel Amaro Moutinho	Quotas	50,00 €
1261	José Manuel Martins	Quotas	100,00 €
1285	José Maria Fonseca Carvalho	Quotas	20,00 €
1290	José Maria Reino Cobrado	Quotas	100,00 €
1301	José Martins Alves	Quotas	20,00 €
1319	José Nepomuceno Silva Dias	Quotas	80,00 €
1446	Manuel Aarão Freitas Sousa	Quotas	100,00 €
1495	Manuel Azevedo Gomes Costa	Quotas	20,00 €
2896	Manuel Barroso Gonçalves	Quotas	30,00 €
1556	Manuel Gonçalves Vilela	Quotas	20,00 €
1589	Manuel Lopes Oliveira	Quotas	20,00 €
1650	Manuel Ribeiro Soares	Quotas	30,00 €
1658	Manuel Santos Lopes	Quotas	40,00 €
1665	Manuel Silva Coelho	Quotas	50,00 €
1677	Manuel Valentim Costa	Quotas	20,00 €
2185	Rafael Fonseca Meireles	Quotas	30,00 €
1825	Ricardo Jorge Paiva Macedo	Quotas	50,00 €
3439	Rui Manuel Santos Vilela	Quotas	50,00 €
3114	Vitor Manuel Oliveira Barros	Quotas	20,00 €
xTORRE D'AGUILHA sobras almoço			20,00 €
			2.765,00 €

EDITORA MAAES
CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35 Extrato 29

Saldo anterior (Uniases 212)	4.136,63 €
Crédito Armando F. Silva (30-04-2025)	80,00 €
Saldo em 30-06-2025	4.216,63 €

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 30-06-2025	411	8.220,00 €
Ofertas	53	0,00 €
Para distribuição	56	
	520	

Histórias da minha guerra em Angola (1963/1966)

O Inimigo ataca quando menos se espera

José Ferraz - Godim 1954

Casos Insólitos

Ao contrário do que se possa pensar, o inimigo não era só os chamados "turras". Havia muitos outros: o calor, o pó, as chuvadas, a lama, as picadas, o cacimbo, o cansaço, o stress, os mosquitos, as cobras, etc.

Dos inimigos mencionados, um deles nos visitou com frequência, de um modo especial na localidade do Luvo, onde a minha Companhia (a 534) esteve aquartelada desde finais de 1963 até inícios de 1965: as jiboias. Como sempre tive um pavor às cobras, e ainda continuo a ter, dessas visitas, enumero as seguintes:

I A Jiboia Sentinela

Em finais do verão de 1964, quando o calor ainda apertava e a noite já reinava, fomos visitados por uma jiboia, que entrou sorrateiramente num dos postos de vigia onde se encontravam três soldados do meu Pelotão a fazer segurança ao aquartelamento, e foi postar-se a seus pés. Apesar de se querer tornar invisível, a sua presença não passou



despercebida aos tropas que lá se encontravam, que se assustaram, pondo todo o quartel em alvoroço. Aos gritos de jiboia, os homens da Guarda Fiscal, que de fiscal só tinha o nome, pois não havia nada para fiscalizar, de caçadeira em punho, avançaram para o posto de vigia, tendo abatido o réptil com tiros certos de chumbos vários.

A presa tornou-se motivo de chacota para muitos, inclusive para um soldado do meu Pelotão, que se pavoneava com ela ao pescoço. O Comandante da Companhia, o saudoso Capitão Henrique de Sousa Afonso, sabendo do pavor que eu tinha às cobras, ordenou ao soldado que a atirasse para cima de mim. De salientar que, nessa noite, estava a ser projetado numa das paredes do quartel, o filme "O Homem do Ribatejo", oferta do Quartel-general para nos ajudar a amenizar as agruras da guerra. Ao grito de jiboia a bordo todos correram para o local onde ela se encontrava, só eu continuei a ver o filme. Apesar de longe, ouvi a conversa do Capitão e a nega do meu soldado com receio da minha reação. O Capitão insistiu, e o soldado lá avançou, mas foi travado por um aviso severo da minha parte que o abateria se desse mais um passo. O soldado sabendo que eu não era para aquelas brincadeiras levou o aviso a sério e parou de imediato, tendo-se afastado. No dia seguinte disse ao meu Capitão que nunca mais voltasse a fazer aquilo, pois não me responsabilizava pelo que pudesse acontecer. Pedi-me desculpa, dizendo que sabia que eu tinha pavor às cobras, mas não sabia que fosse tão grande. O caso foi encerrado ali e nunca mais se repetiu.

II A Jiboia Assassina

Por medidas de segurança, havia no Luvo um posto de vigia fora do aquartelamento, junto à fronteira com o Congo. Numa altura em que um dos meus soldados rendia outro, indo por um carreiro estreito em direção ao seu posto de sentinela, estava à sua espera, escondida no capim que rodeava o carreiro, e pronta a atacar, uma jiboia enorme. Por sorte do visado, seguia à sua frente um cão da Guarda Fiscal, que foi atacado pela jiboia assassina, tendo-o engolido em pouco tempo. Como seria de esperar, também ela teve a mesma sorte da sua presa, tendo sido imediatamente abatida, mas já com o infortunado dentro das suas entranhas. O sortudo soldado não ganhou para o susto e deve a sua vida ao leal amigo.

III A Jiboia Dorminhoca

Uma determinada noite fomos sobressaltados pelos gritos dos soldados de uma caserna, alarmados pela presença de uma jiboia debaixo de uma cama, certamente à procura de aconchego.

Ao pedido de ajuda dos soldados ocorreu um colega meu, com uma catana na mão, pronto a fazer frente a tão indesejável e atrevido intruso. Mede a jiboia, que se encontrava enroscada debaixo da cama, aponta a catana ao bicho e, num ápice, com a coragem que lhe era conhecida, sepa-

ra-lhe a cabeça do corpo, e lá foi o animal procurar aconchego num outro mundo melhor. Por onde andas tu, caro amigo Castro Caldas? Aparece, que será um prazer enorme voltar a ver-te.

IV A Jiboia Vigilante

Em Quicua, onde nos encontrávamos a fazer proteção a uma equipa da Engenharia militar, que abria um caminho em direção à fronteira com o Congo, ao passarmos debaixo de uma árvore, eis que nos surge, como que por encanto, uma jiboia estendida nos ramos da árvore, pronta a atacar a sua presa. Mirou-nos de cima a baixo, certamente a pensar se valeria a pena atacar-nos. Por sorte nossa, ou estava a descansar de uma lauta refeição, ou estaria à espera de caça mais succulenta, pois fez de conta que não nos viu mantendo-se impávida e serena como se nada fosse. Atacados fomos por uma nuvem de mosquitos pretos quando o cozinheiro nos serviu o almoço, composto de batatas, bacalhau e grão-de-bico cozido, comida de que tanto gosto, mas que fui obrigado a partilhar com os mosquitos que cobriam o prato por completo.

Alferes Ferraz – CC 534- BC 595

CANTINHO DA POESIA

QUE PARTILHA?

No silêncio da multidão atarefada
Com jogos de poder, influência,
Procuro no meio desse nada
Um sonho mais além da aparência.

E quando, à noite, cala o ruído
Da dor, da incerteza, da fome,
Há alguém falho de sentido
Numa consciência que não dorme.

E quando, novo dia, a multidão
Avança em passo igual, apressado,
Quem tem a quem dar a mão,
Quem anda do outro ao lado?

E se o outro nos olha carente,
Que temos e nos dispomos a dar?
O sentido e a força de gente
Ou o medo por não saber amar?

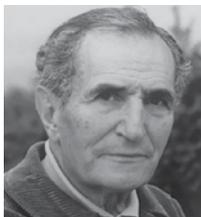
Gestos de carinho e incentivo,
Palavras de oferta e verdade,
Sinais de humano que 'stá vivo
Ou segredos feitos sem amizade?

Carlos Fernandes Maia – Viana 62

INTERMITÊNCIAS

SAIR ANTES DE ENTRAR

Joaquim Moreira - Silva 1955



Aconteceu, no devido tempo, apaixonar-me por Miguel Torga. Não foi certamente nos “gloriosos tempos” do Fraião. O 20

a Português no sétimo ano, no Liceu Nacional Sá de Miranda, gentileza do Doutor Barbosa que, disse-se, gostou de qualquer coisa mais sonante que eu terei escrito no exame sobre Alexandre Herculano, não teve nada a ver com leituras pessoais deste ou daquele Autor, apenas com os augustos Apontamentos de Literatura do padre Américo Ferreira, que o Santana batia à máquina para policopiar a stencil e em que eu era o ‘ditador’, entendíamos tão bem, descansa em paz padre Manuel da Silva Santana, meu companheiro desde a Silva 55, natural de Leiria, lugar do Graveto, freguesia de Monte Redondo. Miguel Torga apareceu-me certamente nos primeiros tempos da Aguilha, tínhamos por lá uma belíssima biblioteca. Foi lá que comecei a leitura integral de livros, por lá fiz as primeiras escolhas do que achava melhor para o resto da vida. E apaixonei-me por Miguel Torga, li tudo o que sobre ele existia, atraía-me o modo como ele via a “existência” de deus, ele lutava contra deus, negava-o, mas falava com ele, nunca entendi muito bem aquele estranho e conflituoso convívio, afinal há ou não há ateus, era ou não era ateu, e não me venham com distinções académicas, teístas, ateus, agnósticos, não vou dar mais para esse peditório. Polémicas aparte, o facto é que sorvia Miguel Torga com especial apetite e de tal modo que, num tempo em que não podia evidentemente comprar livros, copiei, integralmente o seu livro de poesia ORFEU REBELDE, manualmente, por

também me parecer que era o que melhor representaria a sua personalidade literária e humana e melhor quadrava com a minha própria forma de ser e de pensar. Já lá vão tantos anos, mas guardo ainda essa edição manuscrita, acomodada no meio da obra integral do Autor que adquiri logo que pude. E aqui estou nestas intermitências, neste intermitente peregrinar pelos caminhos da memória, sempre a memória, a evocar Torga no seu LETREIRO, o primeiro poema do livro e certamente a sua matriz, poema que, se me dão licença, aqui deixo por extenso:

**Porque não sei mentir,
Não vos engano:
Nasci subversivo.
A começar por mim
– meu principal motivo
De insatisfação -,
Diante de qualquer adoração,
Ajuízo.
Não me sei conformar
E saio, antes de entrar,
De cada paraíso.**

Era aqui que eu queria chegar, Sair, antes de entrar. De passagem, porém, aquilo que sempre me atraiu em Miguel Torga, para além naturalmente da temática e da ideologia, a métrica e a rima a que sempre foi fiel, tudo integrado, porém, num ritmo fluente e chamativo. Hoje já pouca gente liga a esses trabalhos. Mas é aflitivo verificar como, por exemplo nos concursos de quadras populares, aparecem coisas que nada têm a ver com a redondilha maior, nem na métrica nem na rima e, sendo outra coisa qualquer, continuam a considerar-se como tal, num vale tudo ignorante e inconsciente. “No nosso tempo”, as regras da versificação, ou metrificação, entravam-nos no sangue, entravam e ficavam para a vida, não para todos, claro, mas para a grande maioria. Hoje, quando oportuno, ainda há quem sai-

ba usar tal ferramenta. E também quem use e não saiba.

Mas voltemos ao poema inaugural do Orfeu Rebelde, ao “E saio antes de entrar, / De cada paraíso”. Os paraísos sempre povoaram a mente humana, não se sonha de modo rasteiro, a liberdade, as grandes ideias, as fantasias, as ilusões, as utopias, o que seria da vida sem elas. Miguel Torga teve as suas utopias, seguiu-as, mas racionalizava-as e não embandeirava em “facilidades”, difícil equilíbrio. Bastaria recordar o que registou no seu Diário, volume XII, no exacto dia 25 de Abril de 1974, ele que, amigo de Sofia e como ela ansiando pelo “dia inicial inteiro e limpo”, não conseguiu deixar de olhar de esguelha para o golpe militar, mais um, dos militares só recordava a estreita colaboração com a ditadura e com o ditador, felizmente que, em grande parte, se enganou. Depois, em liberdade, nunca abençoou extremismos nem de esquerda, muito menos de direita, alguma simpatia pelo socialismo democrático, mas sempre independente, nunca se desiludindo porque nunca teve ilusões.

E como vamos hoje de paraísos? Continua-se a vendê-los ao desbarato, paraísos para a outra vida, para isso se mata, para isso se morre, milhares de virgens à nossa espera, paraísos para esta vida, publicidades enganosas, eleitoralismos baratos, sonhos americanos, banhas da cobra, soluções milagrosas, há que avaliá-las e improvavelmente recusá-las. Nisto pode Miguel Torga ser uma ajuda, Orfeu Rebelde que saía, antes de entrar, de cada paraíso.

Tão difícil, no entanto, encontrar o caminho direito.



UNIASSES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A. Carvalheira - UNIASSES

Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

uniasse@sapo.pt

TESOUREIRO:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35
CONTA N.º 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____